

## Os aventureiros de Al-Lixbūnā

Natália Maria Lopes Nunes

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (FCSH – Universidade Nova de Lisboa)

Na Idade Média, muitos relatos fabulosos e fantásticos tinham subjacentes alguns espaços relacionados com os limites do mundo, nomeadamente entre o al-Andalus e o Magrebe, como se pode comprovar na história que nos relata o geógrafo al-Idrīsī sobre os Aventureiros de Lisboa, na obra *Kitāb Nuzhat al-muštāq fī ijtirāq al-āfāq* (*Description de l'Afrique et de l'Espagne*). O árabe al-Idrīsī, nascido em Ceuta no século XII (1110/1165-66), mas pertencente a uma família do al-Andalus, demonstra bem o carácter maravilhoso desses relatos, através daquela história. Na obra, o geógrafo descreve a cidade de Lisboa e nessa descrição relata a aventura de oito homens, conhecidos por *al-Mugarribūn* ou Almagrurinos, que partiram à descoberta do Mar Tenebroso, provavelmente, entre os séculos X e XI (alguns investigadores apontam para o ano 1013), muito antes da conquista da cidade por D. Afonso Henriques em 1147.

Os geógrafos árabes foram os que mais contribuíram para a divulgação deste tipo de narrativas fantásticas. Christophe Picard insere-as dentro da categoria de viagens de exploração ou de missão, pois:

C'est un particulier le récit dit des «Aventuriers de Lisbonne» qui fut organisé au Xe siècle par huit marins, ayant probablement débarqué à Madère, appelée l'île aux Moutons, puis aux Canaries avant d'échouer sur la côte marocaine à Safi après 37 jours de navigation. (Picard, 1994: 77)

Um aspecto importante da história dos Aventureiros é a forma como o Oceano Atlântico é caracterizado como Mar Tenebroso (*bahr al-dulumat*), por estar associado a um espaço de tempestades, ventos e animais monstruosos (recursos que encontramos, posteriormente, n'Os *Lusíadas* de Camões). Os elementos que remetem para o carácter negativo do Mar Tenebroso são as águas fétidas, a carne intragável dos carneiros, a figueira, as ilhas com pessoas diferentes e todas as atribuições que passaram em terras longínquas. Contudo, o desejo de conhecer o que haveria no mar, assim como os seus limites, foi o que os levou a tal audácia. Neste sentido, esta é uma história de coragem e de aventura, séculos antes dos Descobrimentos.

Eis, então, os célebres Aventureiros de Lisboa:

Foi na cidade de Lisboa que saíram os Aventureiros em barcos para o Mar Tenebroso, para conhecerem o que nele houvesse e quais os seus limites (...). Por isso, na Medina de Lisbūna, junto da Rua das Termas (*darb al-hamma*) ainda existe a Rua dos Aventureiros (*darb al-mgrûrûn*). Aconteceu, pois, que se juntaram oito varões, todos primos-irmãos e, tendo construído um navio de carga, abasteceram-se com víveres e água para muitos meses.

Fizeram-se ao mar aos primeiros sopros do vento leste e, como houvessem navegado quase onze dias, com felicidade, chegaram a certa paragem do mar, cujas ondas espessas exalavam um fétido odor, com muitas correntes e obscuridade. Temeram então eles um desfecho fatal e tocaram as velas noutra direcção, para sul, chegando à ilha dos Carneiros, que assim chamaram pelo gado incontável que pastava em rebanho, por toda a parte, sem pastor ou pessoa que cuidasse.

Mal chegaram à ilha, saltaram em terra e encontraram uma fonte de água corrente, à sombra de uma árvore, uma espécie de figueira silvestre. Apanharam e abateram algumas reses, mas a sua carne amargava e ninguém pôde comê-la. Guardaram as peles e rumaram de novo a sul, durante doze dias. Pouco depois, descobriram uma ilha e nela viram habitações e campos lavrados. Dirigiram-se para lá, a fim de averiguarem o que lá houvesse. Imediatamente, foram cercados por gente armada de dardos que os prendeu e levou em seus barcos para uma cidade costeira. Apareceram homens de tez avermelhada com poucos mas compridos cabelos, de alta estatura, sendo as mulheres de rara formosura.

Mantiveram-nos fechados por três dias. Ao quarto dia, chegou um homem que falava aravia. E lhes perguntou quem eram, donde vinham e ao que vinham. Contaram os Aventureiros as suas proezas. Ele prometeu-lhes um bom desfecho, dizendo-lhes ser o intérprete do rei. No segundo dia, apresentaram-nos ao rei que lhes perguntou o mesmo, ao que responderam de forma idêntica à que já haviam feito: que o desejo de saber o que haveria no mar, de tantas coisas maravilhosas que lhe eram atribuídas, os havia levado a quererem alcançar as suas margens extremas. O rei, quando isto ouviu, riu-se e mandou o intérprete dizer-lhes que seu pai havia mandado certos vasallos seus para fazerem um reconhecimento deste mar e que, tendo navegado na sua extensão, durante um mês até os céus escureceram, voltaram sem poder tirar proveito da sua viagem.

Depois, mandou o rei ao intérprete que oferecesse sua segurança e benevolência aos Aventureiros a fim de que ficassem com boa opinião dele e das suas obras.

Acabado isto, voltaram a ser encerrados até se levantar outra vez o vento oeste. Tiraram-lhes as armas, vendaram-lhes os olhos e embarcaram-nos. Depois de três dias e três noites de navegação favorável, como eles diziam, desembarcaram-nos numa praia, com as mãos atadas, e ali os deixaram muito maltratados, até ao romper do sol. Sentindo-se desamparados, pareceu-lhes ouvir vozes humanas e todos gritaram à uma. Chegaram diante deles certos homens que, vendo-os em tão miserável estado, os desataram e interrogaram em língua árabe. Eram berberes. E disse-lhes um deles: «Sabeis quanto distais do vosso país?» Tendo os Aventureiros respondido negativamente, afirmou: «sabei que entre vós e a vossa pátria há dois meses de caminho». Então o chefe dos Aventureiros disse: «wasafi!» ai de mim). E é esta a razão pela qual é este [safi] o nome do porto que fica na extremidade do Magrebe. (al-Idrīsī, 1866: 223-225; Alves (tradução em português), 2007: 183-185)

## Bibliografia

- Al-Idrīsī, Abu 'Abdallāh Muhammad (1866), *Description de l'Afrique et de l'Espagne*. R. Dozy et M. J. Goeje (texte arabe publié pour la première fois, d'après les manuscrits de Paris et d'Oxford avec une traduction, des notes et un glossaire), Leyde, E. J. Brill.

Alves, Adalberto (2007), *Em busca da Lisboa Islâmica*, col. «Edição do Clube de Coleccionador dos Correios», s/l: CTT Correios de Portugal.

Picard, Christophe (1994), «Récits merveilleux et réalité d'une navigation en Océan Atlantique chez

les auteurs musulmans», *Actes des Congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, vol. 25, n.º 1, pp. 75-87.